

23-09-2020

O fim do último reduto

Angelo Bernardo M. Offen

[Cientista Social e das Humanidades - Algarve / Portugal]

Fui criado na beira do mar. Assim tornei-me surfista.

E mais que isso, ao ter os primeiros ensinamentos da história de Portugal, ainda bem miúdo, Tia Augusta, minha primeira mestra (e maestra), inculcou-me a mim e creio que a outros putinhos de minha classe que nós éramos os reis do mar. Navegadores do alvorecer do Novo Mundo.

Tia Augusta, e isso já lá fazem anos bastos, mas nem tanto, era bem peluda, como muitas das mulheres portuguesas, matronas, lenços coloridíssimos na cabeça, herança, talvez, dos tempos mouros, uns peluchos acima da boca que se chamássemos de mustache (bigode no Brasil), vivenciáramos belas e bem dadas porraditas com palmatórias. Mas, ainda assim, gostava-me à Tia Augusta. Despertara em mim a herança heroica a que eu faria jus.

Não bastasse o mar à minha porta, adentrava-me a cabeça. Sempre próximo do Brasil e de sua literatura, quando conheci Jorge Amado, tentei abdicar da minha terra, para me fincar na Bahia. Hoje, apesar do amor brasilico, fiz bem de não ter abdicado. Não abdiquei da alma de navegador à cata do Brasil, mas fiz bem porque o Brasil, que tanto acompanho em meus ofícios universitários, hoje não vai bem em suas navegações. Talvez excetuando a Maia Gabeira que domou as “minhas” ondas de Nazaré, não há, quero crer, brasileiro verdadeiramente patriota que consiga surfar nessa maré fascista que se aproxima.

Ou que, sabe-se lá, já invadiu as praias vossas. Pois que eu falava de Tia Augusta. Deixava-me, a velha maestra, sem fôlego ao falar das aventuras lusitanas no mar. Naveguei ao som iluminado do Novo Mundo pela voz daquela senhora que, naqueles tempos, seria uma senhorinha? Teria quanto de etariedade? Hoje asseguro que teria no máximo 25 anos. Imagine se o tempo fosse paralisado apenas a uma.

Eu hoje não resistiria a falar de navegações com Augusta. Anos depois, sempre a tentar domar as ondas dos vários lusos mares, ao perder o fôlego, minha retina era inclemente. Trazia-me a face serena e autoritária da professora. Vivi essa aventura froidiana inúmeras vezes, sobre e sob a minha fiel companheira prancha.

Hoje, resolvido pelo tempo inexorável, sei que ficou-me, mais que à primeira professora, o amor pelo mar.

Tenho, por certo, a transferência efetuada da primeira paixão infantil para as águas que saem de meu Portugal para banhar o mundo. Com meus alunos, alguns até brasileiros, ao debatermos sobre direitos humanos, três elementos estão invariavelmente presente: Portugal, Brasil e o Mar. Mais de uma vez, alunos gaiatos me interpelaram quando eu anunciava solenemente a imprescindibilidade do mar na alma humana. Perguntavam: e os povos do deserto?

E os povos das montanhas? Como sempre, repetia como o fizera da primeira vez que fui inquirido com a mesma questão. Aos beduínos fala-lhes à alma o mar de areias e seus balés como se ondas fossem. Aos montanhese, à alma chega-lhes os contornos dos montes como se ondas fossem. Sei que nunca lhes convenci, mas convenço-me sempre a mim mesmo. Pois, pasmado desde sempre pelo mar, senti-me ferido em minh'alma ao ler a notícia que chegou-me do Brasil, como um raio indignador inesperado:

[Festa em barcos de luxo de Guarujá tem aglomeração e dinheiro jogado no mar...](#)

Curioso está que a população indignou-se pela aglomeração de pessoas desrespeitando as regras de isolamento da pandemia. Por isso, incluso, deu-se a mobilização das autoridades para “reprimir” o passeio ostentador.

A mim, contudo, acometeu-me a perplexidade não pelo descaramento do passeio ostentatório dos barcos luxuosos. Com pandemia ou sem ela, as elites enricadas de todo o mundo necessitam mostrar seu desprezo pelos miseráveis e comprovar sua razão de ser: que o mundo precisa ter ricos e pobres e que a concentração de riqueza na mão de poucos é um direito humano (deles) inalienável. A igreja cristã referenda essa desigualdade, o que nos faz crer que após o passeio, muitos irão à missa ou ao culto. Mas, para não mudar de assunto, o que feriu-me a alma foi o lançamento de cédulas de dinheiro ao mar. Os gajos que o fizeram devem ter lá suas razões de benemerência. Vamos às hipóteses. Talvez para ver jovens famintos, nadando entre os barcos e as motos náuticas para disputar as notas. Quem sabe não oferecessem algum espetáculo de MMA (artes marciais mistas) aquáticas, em que um esperado sangue jorrado entre os novos gladiadores despertassem-lhes júbilos, gargalhadas e a sensação de terem tido uma boa ideia. Ou, que o lançamento ao mar de suas sobras dinheirais lhes conferissem uma certidão de que são profundos defensores do meio ambiente e que está ali a prova de sua disposição de financiar a preservação marítima... é só catar... Ou ainda, sabe-se lá o que passa na cabeça de energúmenos endinheirados, imaginavam que os peixes ao deglutirem esse alimento inusitado aderissem ao capitalismo ultraliberal que já invadiu a terra e que o mar e seus habitantes ainda resistem... Como não podia escapar-me, veio-me Tia Augusta. Pensei no que pensaria ela diante da ignomínia desrespeitosa com as águas que banham carinhosamente o planeta. Tenho quase certeza que ela diria: *“Angelinho, antes, em nossa história, os homens em suas ambições usavam os mares como caminhos para enriquecerem. Hoje, a arrogância dos ricos usa o mar não como caminho, mas como depósito de seus vômitos pelo enjoo que o nojo dos pobres lhes causa...”* Ainda assim, o mar será sempre o meu único e sagrado reduto e Augusta nunca me sairá da lembrança. ■ ■ ■

OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da Coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.